

CAPÍTULO I

Nossos filhos não são nossos filhos. São filhos de Deus através de nós. Nós somos o arco, eles as flechas e Deus o arqueiro.

Khalil Gibran

EU NÃO QUERO MAIS BRINCAR NA NEVE...

A fuga pela neve pesada estava se tornando cada vez mais difícil. Os pés afundavam naquele chão branco, como os de alguém que estivesse tentando caminhar rapidamente em cima de uma nuvem densa e gelada. Mas, apesar da dificuldade, o único pensamento que passava pela cabeça daquela jovem decidida era afastar-se o mais rápido possível da estrada e tentar chegar logo na parte de cima da pequena colina, onde a vegetação começava a tornar-se um pouco mais fechada e ela poderia encontrar algum tipo de abrigo. Luiza olhava para trás, de vez em quando, para certificar-se de que a sua fuga ainda não havia sido percebida. Torcia ardentemente para que ainda não estivesse sendo perseguida. Se fosse avistada naquele momento, provavelmente não haveria nenhuma chance de escapar.

À medida em que avançava com dificuldade para cima da elevação, na direção das árvores, os pensamentos e as lembranças iam se misturando ao medo e ao cansaço. Jamais poderia imaginar que o seu desejo de ver neve pela primeira vez seria atendido daquela maneira. Olhou para trás mais uma vez e percebeu, apavorada, que o rastro que ela estava deixando na neve branca da encosta seria perfeitamente visível da estrada. Para piorar, as árvores pareciam cada vez mais distantes.

-“Parece que este bosque não chega nunca!” - Pensou. Por mais que tentasse se concentrar na fuga não conseguia evitar que viessem à sua cabeça pensamentos idiotas:

- “Esse malditos pinheiros estão se afastando de mim! Eu tenho certeza de que eles estão criando pernas!” - Luiza arfava e caminhava, afundando o tênis na neve fofa, quase se arrastando morro acima. No seu desespero, imaginava as árvores caminhando sorrateiramente para longe dela, afastando-se sem piedade, com suas raízes se transformando em pernas e com sorrisos maldosos surgindo no meio dos caules lenhosos e feios...

- “Que sufoco! Será que do outro lado do morrote o solo vai estar mais firme e eu vou conseguir andar com mais rapidez? Até mesmo correr, quem sabe, se eu aguentar!” - Pensava a garota.

A tarde já ia alta e em breve a noite cairia. Mesmo que ela conseguisse despistar os seus perseguidores ou que estes ainda não tivessem se dado conta de sua fuga, teria de enfrentar um novo desafio: o frio. Estava vestida ainda com a roupa que usava quando havia sido capturada e não teve chance de conseguir nada melhor no momento de sua fuga, exceto, por sorte, o casaco do tal de Alberto, se é que este era mesmo o nome dele. E o diabo do casaco ainda era vermelho...!

Na verdade nem pensou em roupa no momento da fuga. A única coisa que se lembrou de pegar foi a sua mochila, deixada de forma descuidada pelos seus captores no fundo da Van. Não teve tempo de relembrar os “procedimentos para situações de emergência”, tantas vezes repassados nos treinamentos de combate na Comunidade, preocupada que estava em escapar o mais rápido possível. Ou melhor, até lembrou que eles existiam, mas não teve a mínima vontade de perder tempo com eles.

- “Teoria é uma coisa e prática é outra!” - Resmungou baixinho.

Nesse momento ouviu barulho de motores na estrada e jogou-se ao chão, na tentativa de passar despercebida para quem a estivesse procurando.

-“Com este casaco discreto que estou usando vai ser muito fácil me enxergarem da estrada” - Pensou ela. Tentou ficar o mais imóvel que podia.

Apesar da cara enfiada na neve, ainda deu para perceber que eram duas caminhonetes, provavelmente de turistas, dirigindo-se às Cordilheiras. Parecia que o seu coração ia saltar pela boca. Mas acabou aliviada, apesar do susto, ao ver que passavam direto pela curva da estrada logo abaixo dela. Enquanto aguardava os carros se distanciarem, continuava pensando:

-“Tudo aqui é tão bonito! Como seria bom viajar naquela estrada em paz, curtindo a natureza, o frio, a neve, aventura na montanha, quem sabe até aprender a esquiar! Mas não! Eu tenho que estar no sufoco, sempre correndo perigo! Só que agora o perigo ficou mais perigoso ainda! Um bando de brutamontes e muito bem armados, como já deu para perceber!”.

Levantou-se novamente e continuou, desta vez mais acordada, por conta do susto e do frio que a neve deixou no seu rosto. Finalmente começava a caminhar no meio das primeiras moitas e das primeiras árvores. Passou a andar um pouco mais devagar, dosando o cansaço e procurando escolher o seu itinerário, deixando sempre alguma vegetação entre ela e a estrada. Mas volta e meia olhava para trás, para o asfalto que ficava cada vez mais distante, tentando ver se havia alguém em

seu encaixo. Começou a pensar no que fazer, agora que a sua fuga estava começando a ter alguma possibilidade de ser bem-sucedida.

- “Não adianta eu fazer uma volta por cima do morro, dormir aqui em cima e descer para a estrada em outro local, mais à frente, para tentar pegar carona amanhã. Em primeiro lugar, só sei que estou na Argentina, em algum ponto entre Buenos Aires e o fim do mundo. Amarrada e jogada no fundo da Van como eu estava, não deu para saber em qual direção estávamos indo. Nem mesmo placas de sinalização consegui ver pela janela!” - Pensou a garota.

- “Acho muito difícil que encontre alguém por aqui que já tenha ouvido falar nos Defensores. Isso em um raio de muitos e muitos quilômetros. Vou ter que pedir socorro para alguém no Brasil mesmo, o que é quase impossível na situação em que me encontro. Se tivesse conseguido fugir da van enquanto ela ainda estava dentro da cidade, talvez conseguisse roubar um celular ou desbloquear um computador em alguma “Lan House”. Aí poderia fazer contato com alguém da Comunidade e pedir orientação para a situação em que me encontro!” - Luiza caminhava e pensava, tremendo e pisando o mais forte que aguentava, para vencer a neve.

- “Mesmo que eu consiga, iria levar muito tempo para identificar qualquer uma das nossas células na Internet. E isso iria me deixar em perigo, já que não é fácil enganar a segurança de rede do Sistema. Além do mais, só me lembro de umas poucas senhas de emergência. Ia ter que ficar rezando para que os meus amigos aceitassem a minha chamada. Afinal não sou nenhuma hacker!” - Continuou, dessa vez em voz alta. Luiza falava sozinha para não morrer de frio e para manter o raciocínio em funcionamento. Tremia muito também, não só pela temperatura extremamente baixa mas principalmente pela ansiedade do momento. Continuou com o seu monólogo, enquanto prosseguia na subida da encosta:

-”Mesmo que eu escape do pessoal da Van, vai ser difícil sobreviver despercebida aqui na Argentina, se nem castelhano eu falo direito. Só se eu fingir que sou hippie, mendiga ou coisa assim. E ainda tem o problema das câmeras! Pensei que fosse só no Brasil, mas até aqui tem câmera em tudo que é canto. Hoje em dia já não se consegue andar em lugar nenhum sem topar com uma delas. Dá a impressão que o Sistema consegue acessar e ver as imagens de todas as câmeras de segurança do Universo. Seja como for, acho que as minhas chances de escapar com saúde são realmente pequenas. O que me parece bem claro é que tenho de tentar voltar ao Brasil de qualquer jeito e o mais rápido possível, já que a missão por aqui foi por água abaixo antes mesmo de começar.” - A menina caminhava e resmungava, arrastando os pés enregelados na neve fofa. O seu humor não estava dos melhores naquele momento.

Luiza parou e sentou sob um pinheiro em um trecho de vegetação mais fechada. O cansaço começou a cobrar o seu preço pela fuga desesperada. Quem a visse daquela maneira não poderia imaginar a enorme força de vontade e coragem que ela possuía. Luiza se orgulhava do seu nome ser pequeno e ter a letra “z”. Tinha uma tremenda simpatia por aquela letra, não sabia porque. Seu pai comentara uma vez que tivera que discutir no cartório para registrá-la daquela forma, já que o teimoso atendente achava que a grafia correta do nome seria com “s”. Talvez fosse isso. Mas acabou que, com “z” ou sem “z”, todo mundo, desde sempre, chamou Luiza de “Lu”, de uma forma que nunca a incomodou em nada. Lu até gostava que a chamassem daquela forma. Para ficar mais fácil, dizia.

A menina cresceu e se transformou em uma bela moça, já tendo passado dos 19 anos quando a sofrida aventura na neve começou. Gostava muito de nadar e andar a cavalo, o que fazia com grande perícia. Havia sido jogadora de basquete da equipe do seu colégio e se destacava como boa jogadora mais pela paixão do que pela altura, já que era de estatura mediana. Usava os belos cabelos castanhos compridos enrolados em tranças, o que fazia um combinação bem harmônica com seus olhos verdes.

Com seu pai aprendera tudo o que sabia sobre trilhas, escalada, orientação, acampamento e “vida no mato”, se é que assim se pode chamar o contato com a natureza. Com ele aprendera também a atirar. Sabia o básico do tiro com armas de fogo, da prática no clube de tiro do qual ele era sócio.

Também conhecia praticamente tudo do tiro com o arco e flecha, os quais sabia usar muito bem. Treinava quase todo dia no quintal da casa dele, onde existia uma raia improvisada com alvos em cavaletes, nos tempos em que ela ainda morava lá.

O pai de Lu não era uma figura muito tradicional. Dedicara-se a atividades e esportes radicais durante quase toda a sua vida. Praticava artes marciais japonesas, principalmente as técnicas de luta com as armas do Kobudô, as quais havia ensinado exaustivamente para seus filhos e depois para seus netos.

A garota gostava de participar daquelas aulas, inicialmente pela oportunidade que tinha de estar perto do pai e mais tarde porque sentia-se cada vez mais auto confiante e poderosa. Era uma sensação muito boa para alguém da sua idade.

Apesar desse pendor para a adrenalina, o pai de Lu era uma pessoa voltada para as ciências exatas e obtivera o grau de mestre e doutor em Física Teórica. Durante a sua vida acadêmica passara a desenvolver novas teorias sobre o Universo e a Gravitação, junto com amigos professores universitários, em uma faculdade onde conseguira posição relevante como pesquisador.

Era bem mais velho do que os pais dos amigos de Lu. Gostava de ser chamado de “Lanceiro” pela sua perícia no manejo da Naginata, lança japonesa parecida com uma alabarda, usada para derrubar cavalo e cavaleiro nos tempos medievais do Japão. Costumava até incentivar discretamente os outros para que o chamassem daquela forma, o que fez com que o apelido virasse nome. Tinha gente que realmente só o conhecia por Lanceiro.

Havia ensinado as técnicas de luta que aprendera exaustivamente para os familiares que se interessaram. Embora todos tenham sido bons alunos, Luiza foi a única que definitivamente se apaixonou pelo “Kenjutsu”, a arte de combater com o famoso sabre japonês.

Apesar do pai ter idade suficiente para ser seu avô, Luiza tinha muita afinidade com ele. Sabia que, no fundo, pensavam da mesma maneira.

Mas, por estranho que possa parecer, era a seu próprio pai que Lu devia a perigosa situação em que estava metida naquele exato momento.

A COMUNIDADE E OS DEFENSORES

Sempre que estavam juntos, Lu e o pai costumavam conversar bastante sobre os assuntos mais diversos, desde a origem do Universo até o comportamento dos passarinhos. Até mesmo sobre política eles gostavam de conversar, ou melhor, sobre esse assunto era só o pai dela que falava. Lu ouvia para ele não ficar chateado.

Com o passar do tempo, Luiza passou a se interessar mais pelo destino das pessoas e das sociedades. Talvez porque, naquela época, finalzinho da terceira década do século XXI, vivia-se tempos estranhos no Brasil e no mundo e Lu não entendia direito porque aquilo estava acontecendo. Passou a procurar o pai com mais frequência para formar uma opinião mais clara sobre a realidade que a cercava e não parecer idiota quando conversasse com seus amigos a respeito.

- “Minha filha, vou tentar passar a você a minha visão do que está acontecendo. Desculpe se às vezes eu me empolgar e começar a falar que nem político. Me avise se isso acontecer, que aí eu paro e explico melhor.”

Aí o velho Lanceiro discorria por horas e horas sobre os problemas do mundo, obrigando Lu a se controlar para não cabecear. Mas, no fundo, a garota aceitava os pontos de vista do pai.

- “Esse mundo em que vivemos é dominado por quem detém o poder. E esse poder não pertence a quem merece ou a quem é escolhido. O poder é dado pelo dinheiro, já que é ele quem compra os exércitos. Em âmbito global, só tem poder mesmo quem tem soldados. Sempre foi assim. O poder é exercido sempre por aqueles escolhidos pelos donos do dinheiro, independente de qual seja o regime em vigor naquele país. O dinheiro compra qualquer um, inclusive os representantes do povo e os juízes. Se aparece alguém honesto que consegue conquistar um cargo relevante, não dura muito tempo na função. Não deixam.

- “Mas como é que existem países com grande progresso? Não dá para fazer igual a eles?”

- “Não, porque o dinheiro acaba se concentrando eternamente nos mesmos lugares. Os países mais pobres sempre dependem da economia dos países mais ricos e acabam tendo que obedecer a quem empresta dinheiro para eles. Para pagar os empréstimos, eles levam as suas populações cada vez mais para a miséria. A miséria leva à revolta, que leva à baderna, que por sua vez leva a mais miséria. Um círculo vicioso. Isso tudo acaba sendo desculpa para a repressão da polícia, que justifica o fim das liberdades das pessoas. No final, qualquer tipo de justiça vira uma piada.”

Essas preocupações com a política, a ética e a honestidade levavam Lanceiro cada vez mais para longe de uma vida normal. Sentia-se mal por não atender aos compromissos familiares que, teoricamente, deveriam ser sua maior preocupação. De vez em quando chamava a filha.

- “Minha filha, sinto muito se não me dedico a você o tanto que você merece. Não tenho tempo nem de lhe transmitir todo o amor que sinto por você. Tenho me empenhado dia e noite em pesquisas lá na Faculdade, baseadas em novos conceitos que andei desenvolvendo, que poderão nos assegurar uma vantagem bem grande nessa corrida contra o tempo.”

- “Mas que corrida contra o tempo, pai? Do que você está falando?”

- “Filha você não percebe? Tudo o que eu faço, atualmente, tem o objetivo de conseguir alguma vantagem, algum diferencial que nos permita impedir o sucesso desses grupos que querem controlar todo mundo. Se finalmente dominarmos essa tecnologia revolucionária, que estou tentando desenvolver e conseguirmos fazer bom uso prático dela, poderemos nos contrapor a eles!” - Falava Lanceiro, parecendo obcecado.

Lu ouvia e pensava, imaginando o que seria imaginação e o que poderia ser verdade. - “Papai sempre teve uma tendenciazinha para exagerar as coisas e ver chifre em cabeça de cavalo. Ele acha que tudo sempre tem que ter um culpado. Se continuar com essa fixação, vai acabar se dando mal...!” - Refletia a menina;

Uma coisa que deixava Lu intrigada eram as tais pesquisas do seu pai. O que queria ele dizer com “tecnologia revolucionária”? Ouvira certa vez ele falar ao telefone com outros pesquisadores a respeito de um “Plasma Gravitacional”. Comentava também frequentemente sobre a descoberta de novas substâncias com propriedades diamagnéticas, visando a aplicação em “levitação de materiais não metálicos”. Teria alguma coisa a ver? Como isso o ajudaria a obter qualquer vantagem em um eventual enfrentamento com quem quer que fosse?

Quem seria esse inimigo, contra o qual o seu pai tanto reclamava?

- “Que diabo de inimigo é esse, pai? Porque tanta revolta?” - Perguntava Lu às vezes, quando o velho insistia na conversa.

- “A revolta não é minha, filha. A revolta está aí, em volta da gente. - Respondia o velho.

Segundo ele, as revoltas populares obedeciam sempre a uma mesma orientação, recebida pelas redes sociais e as manifestações não tinham nada de espontâneas.

- “Você já percebeu que estão sendo aprovadas leis extremamente impopulares, que obrigam os cidadãos a obedecer a exigências cada vez mais severas? Leis que retiram da gente as garantias individuais que sempre existiram e o nosso direito à privacidade? Será que é por acaso ou querem que todo mundo vire cordeirinho? Desse jeito, todas as comunidades do mundo vão se derreter e virar uma coisa só, obedecendo a um mesmo padrão e a um mesmo patrão!” - Insistia o pai.

Lu tinha que concordar. Por mais absurdas que fossem as novas exigências, na televisão nunca aparecia ninguém reclamando. Só pessoas dizendo que reconheciam plenamente a necessidade daquelas medidas. Nas ruas, parecia que a polícia era usada mais para fiscalizar o cidadão de bem, cada vez de forma mais severa e humilhante, do que para procurar e prender os marginais. Como a

mídia, particularmente nos jornais e na televisão, era a que mais defendia esta situação, ficava a impressão que toda a população concordava e obedecia sem reclamar.

A menina começou a entender então porque o pai e seus amigos passaram a se reunir para tentar combater aquele processo. Inicialmente fizeram manifestos e abaixo assinados contra as tais leis aprovadas, para pressionar alguns parlamentares a criar comissões que pudessem revê-las. Logo perceberam que os tais parlamentares só queriam tirar algum lucro da confusão.

Tentaram então criar um movimento popular, valendo-se das redes sociais e de manifestações de rua, reivindicando que os projetos de lei fossem submetidos a plebiscito popular. O movimento foi crescendo rapidamente mas, justamente quando ganhou força suficiente para não poder ser mais ignorado pela mídia, os sites, blogs e redes sociais que estavam sendo utilizados por eles foram misteriosamente retirados do ar e as manifestações passaram a ser proibidas.

A repressão foi aumentando até que um dos integrantes do grupo, justamente o mais atuante, foi assassinado em uma das manifestações por um “baderneiro”. Mais ou menos à mesma época, um advogado que pertencia ao grupo desapareceu, após entrar na justiça com uma ação de inconstitucionalidade contra uma das novas leis absurdas. Como nenhuma notícia a respeito de qualquer um dos dois casos foi publicada nos jornais ou apresentada nos noticiários de televisão, o pai de Lu achou que já era hora de parar com os protestos. Afastou-se discretamente, não só das manifestações mas também de seus afazeres normais e passou a atuar na clandestinidade com seu grupo, antes que todos os seus amigos fossem identificados e presos um a um.

O grupo que Lanceiro reuniu passou a chamar a si mesmo de “*Comunidade de Defensores*”, para dar um significado mais claro ao que eles faziam. Como tinham que dar um nome àquele “inimigo” que não se via e que não queria que as suas vítimas soubessem que existia, passaram a chamar de “*Sistema*” a tudo o que estivesse por trás dos governos que patrocinavam as leis e promoviam a repressão. Aos cidadãos que não percebiam o que estava acontecendo em volta deles, ou que percebiam mas preferiam ficar quietos, acomodados e calados, talvez aguardando uma justiça divina, eles deram o sugestivo nome de “*Cordeiros*”, pela semelhança com um enorme rebanho indefeso.

- “Nós temos que fazer de novo o que os ingleses fizeram na idade média: *Lutar, lutar, lutar até que cordeiros se transformem em leões!*” - Dizia Lanceiro para a filha, referindo-se à apatia das pessoas.

Naquela época Lu estava mais preocupada em passar no vestibular. Mas procurava entender e perdoar da melhor maneira o que seu pai estava fazendo. Sabia que ele e os amigos estavam correndo perigo. Vai que um dia tivesse que ajudá-los...

Lanceiro organizou os seus colaboradores mais ativos em grupos chamados de células. Essas células eram mais ou menos independentes e seus integrantes não conheciam nada a respeito das demais. Esse cuidado para garantir a segurança era chamado de “compartimentação”. A Comunidade tomou muitas outras providências para garantir a segurança de quem queria participar do movimento, particularmente na Internet. Criaram senhas e sinais que identificavam quem pertencia ao grupo ou quem era de confiança; Quaisquer mensagens que circulassem entre eles eram obrigatoriamente

transmitidas em código. Adotaram ainda muitas outras rotinas de segurança, mais ou menos copiando o jeito de agir das Agências de Inteligência. Quanto menos cada um soubesse a respeito dos outros membros da Comunidade, mais seguros todos estariam.

Para conseguir novos adeptos e fazer com que eles entendessem os objetivos da Comunidade, os Defensores procuravam chegar o mais rápido possível ao local onde acontecia um novo incidente ou uma nova arbitrariedade contra a população. Exploravam a revolta dos que haviam sido maltratados e tratavam logo de tentar criar uma nova célula no local ou envolver o grupo de profissionais que havia sido atingido pela injustiça.

As novas células eram aos poucos informadas do que se passava no resto do país e no mundo e adestradas para ficarem em condições de cumprir alguma tarefa a favor da Comunidade. O objetivo das ações desses grupos, tão mais violentas quanto mais corajosos fossem os seus integrantes, era desmoralizar o Sistema e fazer a população entender cada vez melhor o que estava acontecendo ao seu redor.

O plano dos Defensores era fazer com que o Sistema perdesse a sua credibilidade e com que as pessoas, nos seus locais de trabalho, nos seus círculos de amizade e nas suas redes sociais, começassem a pressionar por um progressivo retorno à normalidade.

- “Temos que chegar a uma nova sociedade, mais esclarecida e atuante do que a que temos agora. Não podemos conviver com uma sociedade que aceita passivamente ser completamente dominada. Do caos vai nascer a esperança, tenho certeza! Uma vez conscientizadas, as pessoas não vão mais aceitar esta situação que estamos vivendo!” - Sonhava Lanceiro.

Tudo isso Lu conseguiu saber antes de se afastar do pai. Desejava ardentemente que tudo desse certo e que logo a situação voltasse ao normal.

Mas não foi bem assim que aconteceu. Antes que os Defensores pudessem se organizar de forma satisfatória, aconteceu o Manifesto de Berlim.

A MISSÃO

Ploft!

Um bolo de neve caiu do pinheiro, bem à frente dos pés de Luiza, pregando-lhe um tremendo susto e afastando-a de suas recordações e da sua sonolência. A garota procurava ficar acordada e mantinha os ouvidos bem atentos, apesar do cansaço. Não queria ser surpreendida mais uma vez pelos seus novos inimigos em uma situação tão desvantajosa como aquela. Tentava rapidamente colocar os pensamentos em ordem e planejar suas ações futuras, mas não teve ânimo para abandonar o abrigo. Encostada no pinheiro, sem ser vista da estrada, resolveu descansar mais um pouco antes de prosseguir na fuga.

Começou a relembrar os últimos dias, que começaram a ficar bem mais agitados a partir da convocação para uma reunião, recebida em código pela Internet. Quando recebeu esta mensagem, Lu já havia aderido ao grupo dos Defensores. Tomou esta decisão quando o seu pai desapareceu definitivamente, sem dar qualquer indicação do que havia acontecido com ele. Naquela época, a menina ainda estava comemorando a sua aprovação no vestibular de meio de ano para a Universidade de Brasília, curso de Biologia como sempre sonhara. Quando o pai sumiu, resolveu seguir o seu exemplo e saiu de casa também sem deixar traços, indo morar em uma república de estudantes. Passou o tempo todo da faculdade praticamente sem ter notícias dos Defensores e justamente agora, quando já estava terminando o curso, era chamada para a sua primeira missão.

De acordo com o chamado, Lu deveria sair de Brasília, onde morava e dar um jeito de chegar a Cavalcante, cidadezinha ao norte da Chapada dos Veadeiros, em Goiás, famosa por seus atrativos turísticos. Deveria chegar lá dois dias depois de receber a mensagem e procurar imediatamente fazer contato com alguém que a estaria esperando. Como chegar a Cavalcante era problema dela. As ordens que recebera diziam que ela deveria encontrar um guia turístico de nome Pedro, exatamente às 16:00 horas, que seria o encarregado de levá-la ao local da reunião.

O procedimento de segurança, a ser usado como uma senha, seria dizer ao tal Pedro que ela era estudante e que queira que ele a guiasse até um dos rios da região. A desculpa seria que precisava encontrar um animal raro, um tatu muito pequeno, para uma pesquisa que estava fazendo na faculdade e precisava da ajuda dele para saber em qual local da região seria mais fácil achar os tais animaizinhos. Da atitude do tal sujeito do contato dependeria o que Lu deveria fazer a seguir:

O primeiro procedimento combinado, seria se Pedro começasse a rir na cara dela e mandasse procurar o tal bicho em Brasília mesmo, dizendo que é por lá que vivem os tatus. Esta seria a resposta dele caso estivessem sendo vigiados ou a missão tivesse sido cancelada. Neste caso ela deveria retornar para Brasília o mais rápido possível e aguardar novas instruções.

Se ele respondesse que os tatuzinhos só deveriam aparecer a partir do dia seguinte, Lu deveria procurá-lo novamente à noite, na pequena rodoviária da cidade e fazer novo contato. Isso significaria que ele não tinha certeza se o encontro seria seguro naquele momento ou que ainda não poderiam seguir, pelo menos naquele instante, para a reunião.

Se ele respondesse que os mini-tatus só apareciam em um lugar perto da “Cachoeira do Escorrega” e que deveriam ir logo para lá antes que anoitecesse e eles fossem para suas tocas, é porque ele iria levá-la em segurança e de imediato ao local da reunião.

Lu comprou passagem e embarcou no ônibus usando como identidade uma carteira de motorista vencida de uma amiga, que pedira como “recordação”. Após trocar o retrato a falsificação ficou perfeita. Escolhera uma empresa mais barata, que ainda não estava cumprindo as exigências do Sistema para que todos os ônibus dispusessem de identificação digital para embarque dos passageiros. Essa preocupação toda era para não deixar vestígios de sua movimentação.

Chegou em Cavalcante pela manhã e teria de esperar até à tarde pela hora do encontro. Aproveitou para ir conhecer os arredores. Em uma mercearia ficou sabendo que a cidade havia sido um centro

de mineração no século retrasado e que ainda havia muitos resquícios desta época, inclusive uma mina de ouro abandonada próximo dali. Resolveu gastar o tempo indo até lá para conhecer. Como não havia ninguém como vigia, aproveitou para dar uma voltinha lá por dentro e, usando seu celular como lanterna, descobriu uma outra entrada da mina na parte de trás do morro.

“- Qualquer coisa já sei para onde vou fugir” - Pensou a garota.

Gastou nisso quase todo o tempo que dispunha até a hora marcada para o encontro. Às quatro da tarde em ponto estava na sede da “Associação dos Guias de Cavalcante” e perguntou pelo guia Pedro ao sujeito que parecia ser o zelador do local.

“-É aquele sentado na mesa de madeira perto da porta.” - Disse o cara.

Luiza olhou e identificou o sujeito com quem deveria fazer o contato. Ficou analisando a situação antes de se adiantar. Pedro era um rapaz magro, embora musculoso, moreno e de olhos muito vivos. Trajava uma bermuda tipo surf e sandálias havaianas. Já a camisa estava enrolada na mão esquerda. Jamais se poderia imaginar que aquele tipo poderia estar envolvido com a Comunidade ou ao menos saber que os Defensores existiam.

“-Eu não ia querer encontrar por aqui alguém de chapéu, óculos escuros e casacão, como se poderia esperar de um espião. Só o que faltava. Antes assim. Até que o rapaz inspira confiança!” - Pensou Lu, enquanto decidia o que fazer.

Como ele estava sozinho, Luíza venceu a indecisão e se aproximou, agindo conforme a orientação que havia recebido. Sentia-se um pouco idiota, mas falou direitinho o que era para ser dito. Pedro também atuou conforme o esperado e, para alívio de Lu, disse que iria levá-la até a Cachoeira do Escorrega. Não estavam sendo vigiados!

Saíram da Associação e foram andando pela rua, calados, até dar em uma motocicleta meio torta e velha. Lu olhou para o sujeito e ele fez sinal para que ela subisse na garupa, sem dar maiores explicações ou sem mesmo lhe dirigir a palavra. Lu subiu na garupa conforme Pedro mandou e nem ousou perguntar pelo capacete.

- “Qualquer coisa estrangulo esse moleque!” - Pensou a garota.

Menos de um minuto depois já estavam fora dos limites da cidade, em uma correria desenfreada em direção ao norte - Lu era boa em se orientar - inicialmente por uma estrada de terra bem batida, depois por um “varadouro” de areia e por fim por uma trilha pedregosa em direção à encosta de um morro, o tempo todo derrapando e empinando. Luíza sentia-se como um saco de batatas no lombo de um jumento teimoso, mas preferiu não falar nada. Afinal o cara sabia a senha...!

Depois de muito pular chegaram finalmente a uma palhoça que parecia abandonada, na boca de uma pequena floresta. Pedro finalmente se manifestou e disse a Lu para descer porque a viagem havia acabado. Assim que ela desceu, percebeu que uma pessoa no interior da choupana fez sinal para ela entrar. Não dava para ver direito quem era e Lu conseguia distinguir apenas um vulto dentro do casebre escuro. Quando ela se virou para perguntar ao Pedro se era para obedecer, viu

que ele já estava bem distante, montado na sua moto despencada, descendo o morro na mesma balada em que tinha vindo.

Lu entrou e deu de cara com o sorriso mais bonito que já havia visto em uma mulher. E no rosto mais preto que também já havia visto em alguém. Quase azul!

- “Eu sou Joana. Você deve ser Luíza. Bem vinda ao nosso quilombo, garota!” - Disse a moça em tom cordial.

ANJOS NEGROS

Lu demorou um pouco para se recuperar da surpresa. Havia se habituado no treinamento da Comunidade a raciocinar rápido e a não ficar sem reação frente a uma situação nova, mas não conseguiu se controlar de imediato.

- “Quilombo! Isso existe ainda? Pensei que era da época da escravidão” - Balbuciou Lu. E, logo se recompondo, retribuiu o sorriso com um mais bonito ainda e disse:

- “Muito obrigada pelas boas vindas. Desculpe a minha surpresa mas eu não sabia que o pessoal que eu deveria encontrar me esperaria fora da cidade, muito menos em um... quilombo! Não sabia nem que quilombos ainda existiam...!”

- “Existem sim, pode ter certeza. Este nosso é um dos mais antigos reconhecidos legalmente. Pelo menos era até agora, uma vez que o novo governo já veio nos avisar que as nossas terras deverão sofrer uma reavaliação para exploração do sub solo. Disseram que ainda pode existir ouro na nossa região e que deveremos nos preparar para sair daqui. Só que o ouro que for encontrado em nossas terras não será nosso. Bacana, não é? Mas venha comigo que o pessoal está lhe esperando. Não podemos perder tempo porque nunca estamos completamente seguros. Em lugar nenhum. Todos já chegaram e só faltava você”. - Falou a moça, puxando Lu pela mão com delicadeza.

Contagiada pela simpatia de Joana, Lu tranquilizou-se e seguiu atrás dela, embrenhando-se na floresta. Enquanto caminhava, fazia uma avaliação da sua interlocutora. Aparentava ser um pouco mais velha do que ela e era de uma beleza que chamava a atenção. Os cabelos do tipo “afro”, enrolados em tranças muito bem feitas e os olhos muito azuis, que contrastavam com a pele bem escura, faziam um conjunto que poderia fazer sucesso em qualquer desfile de modas. Exalava um perfume gostoso e o vestido estampado, de um colorido intenso, parecia que flutuava, sem nem encostar nos galhos dos arbustos.

Caminharam por mais ou menos uns quinze minutos, em um passo acelerado, sempre dentro da floresta. Ao final da trilha Lu deparou-se com uma choupana bem maior, feita de tijolos, chão de cimento e telhado com bonitas vigas de madeira envernizada. As frondosas árvores cobriam completamente a construção, impossível de ser avistada por alguma aeronave que não dispusesse de radar. Depois ela soube por Joana que ali era o local onde se realizavam as verdadeiras assembleias

do quilombo, mantido escondido por razões de segurança. Para o pessoal de Cavalcante, os quilombolas se reuniam no galpão do “seu Benedito”, na rua principal do vilarejo, que estava bem distante dali. Ninguém da cidade sabia da existência daquele lugar ou jamais havia ido até lá.

Ao entrar Lu deu de cara com pessoas desconhecidas, exceto Marcão, um grande amigo de seu pai que ela não via a muito tempo. Ficou um pouco decepcionada, já que esperava ardentemente encontrar o pai, a quem não via também a muito tempo. Não o via mais exatamente desde que ele se afastara de casa, com a desculpa de realizar as suas pesquisas. Tudo pretexto, ela sabia. A pesquisa existia, mas ele se afastava de casa na verdade para participar das atividades da Comunidade e para escapar da perseguição. Por isso Lu tinha esperança, quase certeza, de que iria encontrá-lo ali.

Lu se sentiu desapontada, mas sabia que não poderia perguntar por ele a Marcão para não colocar a segurança do pai em risco. Perguntaria mais tarde, quando tivesse oportunidade. Queria pelo menos saber se ele ainda estava vivo e em segurança.

Marcão dirigiu-se a ela de forma seca, embora a sua expressão deixasse transparecer uma satisfação verdadeira pelo reencontro. Mandou que sentassem e disse que iria direto ao assunto, já que, quanto mais demorassem, mais estariam sujeitos a serem descobertos. Aparentemente era ele quem liderava a reunião. Inicialmente agradeceu a adesão do quilombo de Cavalcante ao movimento e elogiou o patriotismo e a coragem do pessoal de lá. Recomendou que eles também seguissem as medidas de segurança que a Comunidade adotava e pediu a todos que não estivessem envolvidos diretamente com o tema a ser tratado na reunião que se afastassem a partir daquele momento.

Logo que o pessoal do quilombo saiu, inclusive Joana, Marcão foi direto ao assunto. Queriam criar uma célula na Argentina, onde o processo de submissão da população também estava acontecendo, embora mais devagar. Dessa forma a Comunidade poderia passar a contar com uma base no exterior, de onde poderiam continuar as operações caso no Brasil a situação ficasse muito complicada. Estas células iriam também dificultar a ação do Sistema no país irmão e impedir ou retardar a sua completa submissão, da forma como ocorrera no Brasil.

O contato inicial com os simpatizantes de lá, futuros Defensores, seria feito por Luíza e por mais um Defensor, que se encontraria com ela no aeroporto, antes do embarque, ainda no Brasil.

Luíza iria receber passaportes falsos, para ela e para o companheiro de missão e orientações escritas para o encontro com o pessoal da Argentina. Todas essas orientações deveriam ser destruídas após a leitura. No aeroporto de Ezeiza, em Buenos Aires, Lu faria contato com uma pessoa que a estaria esperando. Após o encontro inicial ela seria levada para uma reunião, na qual ouviria os relatos sobre a situação vivida no país vizinho.

Deveria então passar as orientações para a criação das primeiras células e ensinaria as normas de segurança básicas criadas pela Comunidade. Voltaria então para o Brasil trazendo todas as informações e impressões que conseguisse reunir sobre a situação vivida por lá e aguardaria novo contato para repassá-las ao Marcão.

O seu companheiro deveria embarcar no mesmo voo, mas desceria em Buenos Aires separado de Lu, seguindo para realizar um encontro semelhante com outro grupo de simpatizantes, os quais não sabiam da existência do pessoal que faria contato com a Lu. Pelo menos é o que se imaginava.

Ele deveria permanecer mais tempo, já que a sua missão seria um pouco mais complexa: iria dar as instruções de combate aos primeiros grupos de rebeldes já identificados por lá e fazer contato com uma personalidade muito importante para a Comunidade. Por isso a prioridade do apoio seria dada a ele.

O PARCEIRO

Marcão entregou alguns dólares puros e um cartão de crédito a Lu. “Dólar Puro da União” era o nome da moeda criada após o Manifesto de Berlim. O cartão deveria ser destruído logo que ela chegasse de volta ao Brasil e os dólares seriam usados só em caso de emergência, caso o pessoal de lá não a recebesse conforme se esperava. Marcão encerrou a reunião e despediu-se de todos rapidamente, não sem antes dizer baixinho a Luíza para não se preocupar porque estava tudo bem com “ele”.

Lu entendeu que o tal “ele” seria o pai, mas apressou o passo para ver se conseguia dar uma palavrinha com Marcão em particular. Não conseguiu.

Cada um dos participantes da reunião desapareceu do local de forma diferente, o mais discretamente possível. Quando Lu saiu da choupana, Marcão já havia sumido. Joana apareceu novamente e foi com Lu até dois cavalos encilhados, que os aguardavam na frente do barraco. Montaram e foram em direção à aldeia central do quilombo, o que deixou Luíza maravilhada. Ainda mais que o cavalo de Lu não parava quieto.

- “Quem diria que hoje eu ainda iria andar a cavalo! Ônibus poeirento, moto saltitante e agora um pangaré cheio de vontade. Antes assim. Não gosto de montaria em que eu tenha que usar a espora. Prefiro montar um cavalo mais irrequieto!” - Pensou a garota.

Durante o percurso, Joana falou de sua revolta com a situação que estavam vivendo no quilombo e que gostaria muito de participar mais ativamente da Comunidade. Falou do distanciamento dos moradores de Cavalcante, que não se importavam muito com o quilombo e da situação de isolamento em que viviam.

- “Melhor que fiquem na deles mesmo! Não devemos nada a ninguém e ninguém sabe muito a nosso respeito. Não existe outro caminho para nós a não ser ficar do lado dos Defensores. Você não acha?”
- Perguntou Joana.

Lu respondeu o que lhe veio à cabeça, já que ela mesma não tinha muita experiência na Comunidade. Disse que achava que o quilombo teria uma função muito importante no movimento e comentou que, mesmo com ela, havia demorado bastante tempo para receber a primeira missão.

Ao chegarem ao terreiro, no centro do vilarejo, avistaram o fusca velho, quase caindo aos pedaços, que levaria Lu de volta para Cavalcante. Mas o que chamou mesmo a atenção da garota foi uma grande bandeira brasileira, hasteada em um mastro bem no meio da praça do quilombo, apesar de toda a perseguição que sofriam e das dificuldades em que viviam. Chegou a dar um nó na garganta aquela demonstração de perseverança.

- “Os que menos tem são os que mais lutam!” - Pensou ela.

A viagem no fusca de volta para Cavalcante ocorreu sem problemas, exceto pelo desconforto. Já no ônibus, enquanto voltava para casa, resolveu olhar a foto no outro passaporte para ver se conseguia identificar o futuro companheiro de aventura. Qual não foi a sua surpresa a reconhecer no documento um amigo seu de longa data.

-”Cauê! É o Cauê! Meu Deus do céu, o Cauê acabou entrando para a Comunidade! É por isso que o embarque será no aeroporto de Viracopos! Cauê mora em Campinas!

Quem era Cauê, afinal, para despertar tanta alegria em Luíza?

Por mais estranho que possa parecer, Cauê era sobrinho de Lu, embora fosse um pouco mais velho do que ela. Foram amigos inseparáveis desde que nasceram, embora sempre tivessem morado em cidades diferentes, graças a uma preocupação dos integrantes daquela família em mantê-la sempre unida. Brincavam sempre juntos e curtiam as mesmas aventuras. Eram parceiros em jogos de computador, nos esportes e nos programas radicais, tipo escaladas, canoagem, trilhas e acampamentos. Tudo isso graças aos feriados e às férias que, sempre que podiam, passavam juntos. Pensavam quase que da mesma maneira em tudo, talvez pela herança de sangue em comum.

Cauê estava com seus 21 anos e era alto, corpo de esportista, louro e com os olhos verdes que herdara dos pais. Não tinha muita paciência para as ciências exatas, ao contrário de Lu, mas era um Hacker de nascença. Não havia rede lógica nem segurança eletrônica que ele não conseguisse acessar, mais cedo ou mais tarde. Pararam de se ver quando Cauê iniciou a batalha pela aprovação no vestibular para o curso de Engenharia da Unicamp, seguido por Luíza, no ano seguinte, tentando entrar para a Universidade de Brasília.

A criação dos Defensores começou quando Lu e Cauê ainda estavam no ensino médio. Um ano após seu pai sumir, Lu procurou as pessoas que ela sabia pertencerem à organização e pediu para ingressar na mesma. Não sabia que Cauê tinha feito a mesma coisa.

O embarque no aeroporto de Campinas, em São Paulo, ocorreu sem problemas. Burlando um pouco as recomendações de segurança da Comunidade, os dois amigos colocaram os assuntos em dia e mataram a saudade.

O desembarque no Aeroporto de Ezeiza, em Buenos Aires, ocorreu também sem incidentes e os dois se separaram ainda nas esteiras de bagagem. Como cada um levava apenas uma mochila e uma mala relativamente pequena, do tamanho limite para não precisar despachar, a passagem pelo saguão de desembarque foi bem rápida.

Logo após o portão de controle, Cauê deu uma piscadela de despedida e tomou a direção da ala doméstica, enquanto Luíza ia para a saída, seguindo as orientações do plano.

A TRAIÇÃO

Na área dos táxis, Lu começou a procurar a pessoa que deveria estar esperando por ela: homem, com uns cinquenta anos de idade, cabelos lisos e compridos, magro e vestido com um casaco vermelho. Logo identificou o sujeito pela roupa e pela descrição. Um senhor de casaco vermelho estava encostado na fila de carrinhos de bagagem no final da rampa de acesso. Todas as senhas e procedimentos de identificação foram cumpridos de forma bem correta pelo contato. Correta até demais. Parecia que ele fazia tudo para alguém que estivesse assistindo e não para ela, pensou Luíza.

-”Donde está sú coche, señor Rodriguez?” - Perguntou Lu, arranhando um portunhol “esperto”.

-”Pode me chamar de Alberto, mocinha e não se preocupe porque falo português com facilidade. Já estive no Brasil algumas vezes. Não vamos no meu carro desde aqui, porque seria perigoso. Vamos tomar uma van de transporte do aeroporto até o estacionamento lá de fora, onde deixei o meu veículo. Assim vai ser mais seguro.” - Disse ele.

Por natureza, Lu não gostava muito de fugir aos procedimentos estabelecidos nos roteiros do que quer que fosse, ainda mais tratando-se de uma missão da Comunidade. Pelo que fora orientada, isso não deveria acontecer nunca. Imaginou que o pessoal na Argentina ainda não estaria acostumado à rigidez dos procedimentos da Comunidade e resolveu seguir o “Alberto”. Saíram do terminal e se dirigiram à plataforma de desembarque. Entraram direto em uma van próxima aos táxis que parecia já os estar esperando. Alberto sentou ao seu lado, no banco em frente à porta corredeira e Lu colocou a mochila em frente aos seus pés.

- “Seu” Alberto, o senhor poderia pegar o casaco que está minha mala que o motorista colocou lá atrás? Está fazendo um pouco de frio e eu não estou acostumada a essas temperaturas daqui.”

Em vez de apanhar o casaco, Alberto retirou o seu e deu-o a Lu, dizendo que já estava habituado com o frio e que não deveriam perder mais tempo. A van começou a deslocar-se, sem que o motorista se virasse para trás ou pedisse autorização para o Alberto. Lu começou a ficar inquieta e se preparou para empurrar o sujeito ao seu lado e pular fora do veículo assim que tivesse chance. Não deu tempo!

Logo em seguida, antes mesmo de saírem da área do aeroporto, próximo a um portão secundário de carga, localizado em um local que estava bem deserto naquela hora, a van parou bruscamente, Alberto saltou rapidamente e três brutamontes entraram correndo, já empurrando e imobilizando Luíza. Em segundos ela se viu amarrada e jogada no fundo da van, com uma lona por cima e o pé de um dos cretinos em cima das costelas dela.

A Van saiu dali rapidamente e seguiu viagem para fora da cidade. Lu sentia-se indefesa, ofendida, traída, enganada como um “ovelha” qualquer e, principalmente, furiosa, sendo levada sabe-se lá para onde daquele jeito humilhante. Percebia que o tráfico estava intenso e que os captores se esforçavam para ganhar tempo em todas as oportunidades.

Lu só não entendia a traição da pessoa que havia realizado o contato com ela, o tal de Alberto. O procedimento para validar o contato havia sido cumprido corretamente, o que significava que ele era mesmo quem a Comunidade esperava que Luíza encontrasse no aeroporto. Será que ele havia sido descoberto e teve que traí-la? Ou será que era essa a sua intenção desde o primeiro contato com a Comunidade? Neste caso, muita gente no Brasil também estaria em perigo.

A viagem continuava sem nenhuma alteração. Afastavam-se cada vez mais da capital. Era obrigada a fazer xixi na estrada mesmo, sob os olhares dos sequestradores e permanecia sempre escondida no fundo do veículo durante as paradas.

-“Se fosse no Brasil eles não precisariam tomar todos estes cuidados. Lá, assistir a atos de violência da parte do pessoal do Sistema não é mais nada de extraordinário e não chama mais tanta atenção. Só desperta raiva na gente!” - Pensou a garota.

Lu estava começando a entender a razão destes cuidados todos. No país dos “Hermanos”, a União ainda não era tão poderosa como no Brasil.

- “Melhor! Não vou poder ser espancada em público...!”

Mas foi justamente esta preocupação dos sequestradores, em não agir abertamente, que permitiu a sua fuga.

Quando já estava ficando bem frio e ela percebia pela janela que a paisagem estava ficando coberta da neve, aconteceu uma parada em um boteco de beira de estrada, em um local mais ermo. Como não voltaram logo em seguida para a caminhonete, como acontecera das outras vezes, ela imaginou que eles iriam aguardar alguma instrução nova ou esperar a chegada de alguma figura que iria se unir ao grupo.

A demora permitiu que Luíza fizesse uso da pequena lâmina de porcelana que os Defensores usam dentro do salto do sapato ou tênis, na costura com a sola. Essas lâminas faziam grande sucesso na cozinha, embora fossem caras, pela dureza e pelo fio que a faquinha nunca perdia. Foram adotadas pelos Defensores pela vantagem de não serem identificadas pelo Raio X.

Luíza levantou o calcanhar até os seus pulsos, retirou a lâmina do salto e friccionou as cordas até corta-las. Em seguida apanhou a sua mochila e forçou o trinco da porta corrediça com uma barra de aço de ponta chata, conhecida como “pé de cabra”, que encontrou atrás do último banco.

Abriu a porta o mais silenciosamente que pode, desceu, fechou a porta de novo para que a fuga demorasse a ser percebida e “vazou” pelo estacionamento, passando por trás do bar onde estavam os seus algozes, procurando ao máximo não ser vista. Correu o mais rápido que pode pela beira da

estrada, que serpenteava em curvas ao lado de um rio bem largo e de correnteza aparentemente forte.

O outro lado da estrada era margeado por pequenas elevações. A menina correu enquanto pode pela margem do rio, procurando não ser vista da estrada, até que a margem virou um barranco. Voltou para a estrada, mais ou menos umas três curvas após o boteco. Procurou desesperadamente por algum local seguro para se esconder, olhando para todos os lados e avistou uma pequena floresta no alto da lombada que margeava a estrada naquele trecho. Imaginou que não conseguiria continuar correndo pela estrada sem ser vista e decidiu subir a colina, rezando para que eles não percebessem que havia fugido da Van antes de chegar lá em cima. Não contava que a subida fosse tão íngreme nem que a tal da neve fosse atrapalhar tanto assim a sua fuga.

PRECAUÇÕES

O ruído forte e monótono do vento nos pinheiros tirou Lu do seu torpor e de suas lembranças e a trouxe de volta à realidade. Quase pegara no sono. Naquele momento, completamente esgotada, deitada em baixo dos pinheiros na tentativa de esconder-se de alguma maneira, começava a preocupar-se com os rastros deixados na neve, ainda bem visíveis da estrada. Rezava para que anoitcesse logo ou para que nevasse mais forte, apesar do frio, para que as pegadas fossem apagadas. Sentia que o seu corpo, exigido pelas emoções da viagem aérea para um país estrangeiro, pela tensão provocada por se tratar da sua primeira missão, pelo sequestro não muito gentil e pela fuga nada fácil, pedia-lhe um descanso mais duradouro.

Antes de se render ao sono e aproveitando os último raios do sol que já se punha, resolveu caminhar mais um pouco e dar uma olhada no que havia do outro lado da colina. Assim poderia planejar melhor o que iria fazer daí para a frente e tentar imaginar uma saída para a enrascada em que se metera. Pensou também, prudentemente, em descobrir um caminho de fuga, caso os perseguidores descobrissem o seu paradeiro.

Levantou-se e caminhou mais uns oitenta metros até se deparar com um barranco, na verdade um despenhadeiro mesmo. E dos mais íngremes. No fundo dava para se ver algumas pedras grandes e muita vegetação cobrindo o solo. A vegetação era baixa porem densa, o que impedia de saber o que havia por baixo dela. Mais adiante, lá no fundo do vale, a uns dois quilômetros, um casebre pobre e um cercado onde não se via nenhum animal, pelo que dava para perceber apesar da distância. Naquele ponto do barranco havia uma árvore grande cujas raízes se projetavam para baixo e que poderiam sustentar algum peso e permitir a descida de alguém que tivesse alguma prática de escalada. Logo abaixo as pedras eram um pouco mais salientes e, com um pouco de perícia, até que se poderia utilizá-las para chegar ao fundo da ravina. Mas Lu não se animou a encarar as raízes. Não naquele momento.

- “Esta barranqueira eu não estou a fim de descer de jeito nenhum. Acho melhor tentar dar a volta no morro e descer pelo outro lado, sempre me afastando da estrada. Mas isso vai ficar para amanhã, porque definitivamente não aguento mais.” - Pensou ela.

Luíza voltou então para o local onde deixara a mochila, pensando em quão imprudente havia sido por abandonar suas coisas naquele momento. Se tivesse sido surpreendida de novo na sua caminhada não teria tido tempo de voltar ao abrigo no pinheiro e teria de abandonar o pouco material que havia conseguido salvar. Não poderia deixar o cansaço prejudicar a sua capacidade de luta. Pensando assim, resolveu fazer um inventário dos seus pertences antes de “apagar”, mais tranquila por não ter ainda percebido sinal dos seus captores.

Um estojo de higiene, algum material para costura, umas poucas peças de roupa e, por sorte, algum equipamento mais útil: 20 metros de corda, bússola e quatro mosquetões, que tinha trazido para justificar o seu disfarce de turista brasileira. Tinha ainda uma garrafinha vermelha metálica de água com o símbolo do Fluminense, seu time do coração e um chaveiro com um cortador de unhas. Nada que pudesse ajudar muito naquele momento. O mais importante eram os dólares de Marcão, que Lu colocara num bolsinho interno da mochila em vez de mantê-los na carteira. Carteira e passaporte haviam sido imediatamente confiscados no momento da sua captura.

Tinha também o rebenque que o pai tinha lhe dado quando começou a montar. Era de estimação dele, todo feito de couro com armação rígida no interior, castão de bronze pesado, serrilhado na parte externa para facilitar a empunhadura. Lanceiro costumava brincar com ela dizendo que se o cavalo ficasse muito arreado, era só virar de lado o *Pingalim* - nome que dera ao rebenque - e aplicar uma leve pancada de “convencimento” na cabeça do animal com o lado do punho de bronze, para que este ficasse imediatamente mansinho.

É claro que Lu nunca chegou a utilizar esta técnica nas suas aulas de equitação mas percebeu imediatamente essa outra utilidade para o seu chicote. Ele passou a ser de estimação para ela também e onde ia e podia o levava como um amuleto. Talvez por isso tivesse tido a preocupação de incluí-lo nos itens que a acompanhariam na viagem. Agora agradecia a si mesma este capricho, já que o *Pingalim* lhe poderia ser útil de alguma maneira, na situação em que se encontrava.

Ainda imaginando a figura de um cavalo olhando assustado para o *Pingalim* e prometendo que iria saltar todos os obstáculos, Luiza adormeceu de babar, em um sono profundo como uma noite sem estrelas, agarrada no rebenque como se ele fosse a própria figura do pai a lhe garantir proteção.